

Entre a cidade e a aldeia

Andréa Moraes Alves antropóloga

A confluência das relações comunitárias e relações societárias constitui um tema clássico das análises antropológicas e sociológicas. Podemos encontrar em autores como Max Weber, Emile Durkheim, Karl Marx, Ferdinand Tönnies e Georg Simmel referências explícitas a esses padrões de relações sociais.

Esquemáticamente, a comunidade privilegia contatos primários, homogeneidade, rígido controle social, posições hierárquicas e uma temporalidade circular; a sociedade, por outro lado, expressa contatos secundários, heterogeneidade, anonimato, individualismo, mobilidade social e uma temporalidade mais acelerada e linear. Pares de oposição que se mesclam na dinâmica da vida cotidiana. Um dos grandes problemas das pesquisas em antropologia e sociologia é evitar o tratamento estanque desses modelos de relações sociais, priorizar um termo em detrimento do outro, não perceber suas interferências mútuas ou, o que é mais grave, tomá-los como uma escala de valores: do melhor para o pior, do atrasado para o avançado, do tradicional para o moderno, da aldeia para a cidade. Para usar um termo emprestado do antropólogo Clifford Geertz, é preciso estar alerta contra a "tentação da aldeia". O estudo de um lugar, de um ritual ou de uma festa é um recorte analítico e como tal está necessariamente cingido por linhas de comunicação com outras práticas sociais. Cabe ao pesquisador fazer um duplo trabalho: iluminar as particularidades de seu objeto e, ao mesmo tempo, ligá-las à teia de significados sociais na qual elas estão envolvidas. Não é um trabalho fácil! Para realizá-lo são necessários embasamento teórico e uma sensibilidade treinada que só a prática da pesquisa de campo e da sistematização das observações consegue lograr.

O filme *Morro da Conceição...*, de Cristiana Grumbach, nos brinda, de uma forma simultaneamente delicada e contundente, com esta reflexão: onde estão as fronteiras entre a cidade (moderna, cosmopolita, individualista) e o morro (bucólico, pacato, comunitário)? Sem cair na "tentação da aldeia", o filme aponta para uma discussão complexa sobre a qualidade da experiência urbana, uma experiência que transborda os limites do morro e de seus antigos habitantes e nos envolve a todos através das lembranças que são construídas pela relação entre os depoentes e aqueles que escutam. A partir do morro descortina-se uma visão abrangente das mudanças e das permanências que marcam a trajetória do indivíduo moderno, assombrado pela convivência tensa das relações comunitárias e societárias.

A riqueza dos relatos reside em sua universalidade. Não são estórias de velhos nem testemunhos do passado, o filme não pretende fazer uma "história oral". O que está lá (no filme), atravessando a singularidade de cada um, é um conjunto de inquietações humanas que extrapolam as fronteiras entre passado, presente e futuro; entre cidade e aldeia. Nesse jogo, conduzido com sutileza pela diretora, o filme vai pouco a pouco deixando de ser um lá (objeto separado de nós) e passa a ser um aqui e agora. Assistir a *Morro da Conceição...* é ser convidado a "tornar-se nativo", na melhor acepção antropológica do termo.